

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CITÂNIA DE BRITEIROS. NOTÍCIA DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DE 2014.**

CRUZ, Gonçalo e ANTUNES, José

Ano: 2014-2015 | Número: 124-125

---

### **Como citar este documento:**

CRUZ, Gonçalo e ANTUNES, José, Citânia de Briteiros. Notícia dos trabalhos arqueológicos de 2014. *Revista de Guimarães*, 124-125 Jan.-Dez. 2014-2015, p. 221-236.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# CITÂNIA DE BRITEIROS. NOTÍCIA DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DE 2014

---

Gonçalo Cruz<sup>1</sup>  
José Antunes<sup>2</sup>

Os trabalhos arqueológicos que se têm vindo a realizar, de forma descontínua, na Citânia de Briteiros, desde 2005, obedecem a objetivos precisos, nomeadamente a atualização da informação histórica do monumento, intervencionado desde o século XIX e exposto a diferentes orientações metodológicas.

Pese embora o facto de as intervenções arqueológicas mais recentes terem tido início há 10 anos, não se concretizaram ainda grande parte dos objetivos, tendo sido, no entanto, possível uma revisão substancial da interpretação histórica do monumento. As intervenções arqueológicas realizadas até à data na Citânia de Briteiros têm tido um carácter pontual, não contínuo. Desde 2005, os trabalhos realizados na Citânia consistiram em sete campanhas anuais, nas quais foram realizadas catorze sondagens localizadas, abrangendo uma área aproximada de 180 m<sup>2</sup>, num total de 179 dias de trabalho. Uma amostragem reduzida, portanto, mas que ainda assim proporcionou um volume considerável de informação que nos permitiu atingir algumas conclusões quanto às dinâmicas de um sítio arqueológico com uma ocupação diacrónica ampla e de estratigrafia particularmente complexa.

A projeção dos locais nos quais foram abertas sondagens arqueológicas partiu de uma seleção criteriosa, privilegiando pontos

---

<sup>1</sup> Sociedade Martins Sarmento / Lab2pt - Laboratório de Paisagens, Património e Território da Universidade do Minho. E-mail: goncalo.cruz@msarmento.org

<sup>2</sup> Sociedade Martins Sarmento / Lab2pt - Laboratório de Paisagens, Património e Território da Universidade do Minho. E-mail: jose.antunes@msarmento.org

com maiores expectativas de potência estratigráfica, locais com menor incidência de escavações antigas e pontos próximos de estruturas visíveis, tendo como objetivo a identificação de valas de fundação que possam, assim, atestar o momento de construção ou reparação de estruturas arqueológicas anteriormente postas a descoberto. Dos pontos previamente definidos, as escavações realizadas incidiram apenas numa área relativamente restrita em relação à amplitude geográfica pretendida, que irá proporcionar uma amostragem mais abrangente do sítio.

### **1. Contextualização da campanha de 2014**

Com a exceção do levantamento efetuado em 2006 no Balneário Este e da sondagem efetuada em 2007 no Balneário Sul, praticamente todos os trabalhos arqueológicos realizados na Citânia de Briteiros tiveram lugar na acrópole do *oppidum*, nomeadamente em duas áreas específicas: a unidade doméstica com o número 12, no Sector 5 (conhecida como “Casa da Espiral”) e áreas limítrofes; a unidade doméstica com o número 3, no Sector 7 (conhecida como “Casa de *Avscvs*”, Figura 1). Esta última área foi inicialmente intervencionada em 2008 (Figura 2), tendo sido ali desenvolvidos trabalhos em Julho do mesmo ano, Julho e Setembro de 2009, Julho de 2010 e Julho de 2014. A presente notícia reporta-se às intervenções arqueológicas que tiveram lugar em Julho de 2014, após a publicação, na Revista de Guimarães, dos trabalhos e resultados das campanhas realizadas entre 2005 e 2010 (LEMONS e CRUZ, 2005-06; CRUZ e ANTUNES, 2010-11). A intervenção de 2010 foi extremamente limitada em termos de dimensão dos trabalhos, sem completar a maior parte das ações previstas. Por esta razão, e não se tendo realizado escavações na Citânia entre 2011 e 2013, o plano de trabalhos de 2014 previa o término das sondagens nas quais se tinha trabalhado em 2010, incluindo-se nesta notícia os dados respeitantes às sondagens realizadas na já referida “Casa de *Avscvs*”, parcialmente publicados nesta mesma Revista (CRUZ e ANTUNES 2010-11).

A intervenção de 2014 teve lugar entre os dias 30 de Junho e 25 de Julho do referido ano e foi coordenada pelos signatários desta notícia. Os trabalhos contaram com a assessoria científica da Professora Doutora Maria Manuela Martins, da Universidade do Minho, bem como com

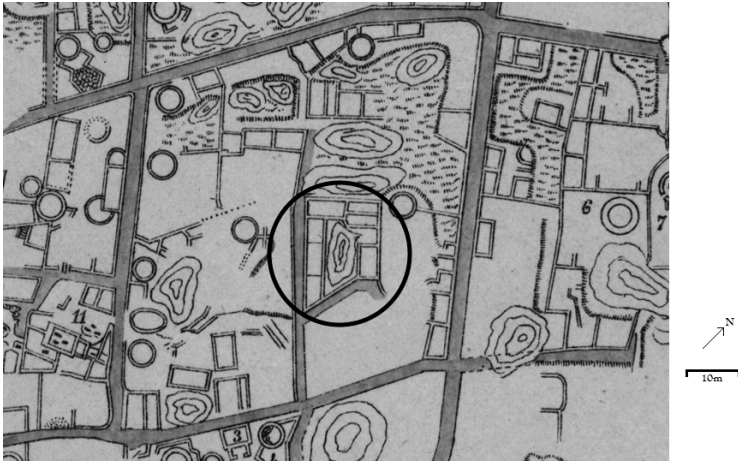


Figura 1 - Representação da "Casa de Avscvs" no levantamento topográfico de 1892 (da autoria de Álvaro de Castelões), no qual se registou o aterro cobrindo o pátio interior. Original na Biblioteca Nacional de Portugal.



Figura 2 - Uma vista de conjunto da "Casa de Avscvs", durante os trabalhos de 2008.



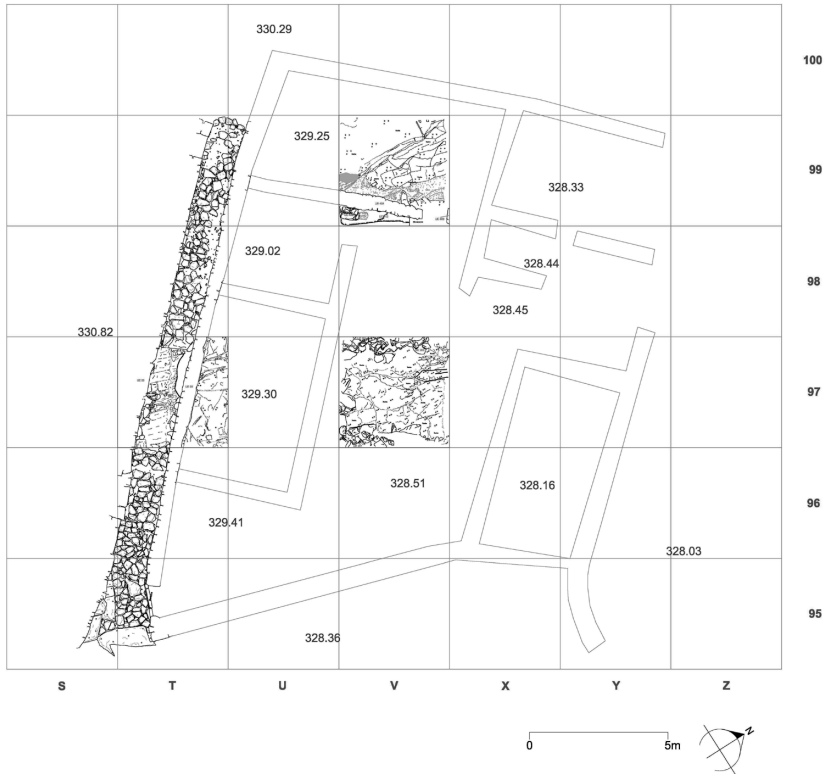


Figura 3 - Planos finais das sondagens 97T, 97V e 99V, em relação com as estruturas da “Casa de Avscvs”.

a assessoria do Doutor Francisco Sande Lemos. A campanha contou com a colaboração de sete estudantes de Arqueologia, nomeadamente os alunos Saúl Sendas, Diana Rocha, Isac Valente, Israel Grando, Nuno Oliveira e Daniela Januário, da Universidade do Minho, em estágio curricular, e o aluno Guillem Domingo, da Universidade de Barcelona, como voluntário.

Do já referido plano de trabalhos, remetido à Direção Geral do Património Cultural, constava a finalização das sondagens 97V e 99V (CRUZ e ANTUNES 2010-11), bem como a limpeza da área integral do espaço doméstico onde se localizam estas duas sondagens, a “Casa

de *Avscvs*”. Optou-se por não realizar esta limpeza, porque, por um lado, não se previa a possibilidade de proceder ao desenho à escala da totalidade da planta da unidade doméstica (como se fez em 2005, na “Casa da Espiral”, LEMOS e CRUZ 2005-06) tornando desnecessária a limpeza, por outro, porque uma parte considerável deste conjunto se encontra recoberto por um aterro de escavações antigas, cuja remoção, logisticamente complicada, apenas se justificaria com a realização de escavações mais intensivas, ou ao abrigo de um programa de musealização mais específico. Tomou-se portanto a decisão de não remover a matéria orgânica das estruturas, nem colocar a descoberto a totalidade do lajeado original do pátio.

## **2. Resultados das sondagens na “Casa de *Avscvs*”**

Os dados que aqui se apresentam completam os resultados preliminares anteriormente publicados (CRUZ e ANTUNES 2010-11) sobre as sondagens abertas neste espaço, que não tinham sido concluídas. Foram escavadas até à data três sondagens no interior e envolvente desta unidade habitacional, com a denominação correspondente à malha de escavações: 97T, 97V e 99V (Figura 3). A finalização destas duas últimas sondagens constituiu o mais relevante trabalho desenvolvido na campanha de 2014.

A sondagem 97V foi aberta no interior da área atribuível a um possível pátio interior centralizado (Figura 4), abrangendo um largo troço de aterro do século XIX. Por ordem de escavação, foram registadas cinco grandes atividades do ponto de vista estratigráfico:

a) O aterro resultante das escavações do século XIX, com materiais muito fragmentados que incluíam cerâmica da Idade do Ferro e cerâmica romana, de diversas tipologias;

b) Uma vala de saque de um lajeado do pátio, que pode ter sido efetuada no decurso das escavações de Martins Sarmiento, ou tratar-se mesmo de um saque feito em momento anterior;

c) Pavimento do pátio, feito com lajes de média dimensão e de aparelho poligonal, idêntico aos pavimentos de outros pátios e de algumas ruas do povoado. Nesta atividade integrámos alguns níveis de preparação deste lajeado. Foram recolhidas nestas camadas de preparação, além das



Figura 4 - Lajeado registado na sondagem 97V, sob a camada de aterro resultante de anteriores escavações.

cerâmicas características do final da Idade do Ferro, vários fragmentos de cerâmica comum romana, bem como de ânfora de tipologia Haltern 70;

**d)** Conjunto de várias camadas sedimentares, interpretadas como um extenso contexto de nivelamento, nas quais também se recolheu cerâmica do período Alto-Imperial. De notar que este nivelamento atingiu o substrato geológico;

**e)** Duas camadas, sobrepostas pelo referido nivelamento, que continham apenas cerâmica da Idade do Ferro, cronologicamente associáveis a uma estrutura de combustão.

Face ao exposto, a escavação desta sondagem revelou alguns aspetos particularmente interessantes. Em primeiro lugar, a identificação de vários elementos arquitetónicos entre o amontoado de pedras que formavam o aterro do século XIX, conforme já referimos na notícia de 2010-2011, que incluem a prisão de gado identificada por Martins Sarmiento e agora “redescoberta”, e o bloco afeiçoado com a epígrafe que contém o que pensamos ser o nome do proprietário desta casa. Em segundo lugar, a própria existência do pavimento lajeado. Desconhecia-

-se, de facto, que tipo de pavimento teria tido este pátio, tendo em conta a sua configuração atípica em relação às restantes unidades habitacionais. Em terceiro lugar, a existência de uma estrutura de combustão prévia à construção deste pátio, detetada na campanha de 2010, sem que se tenha identificado qualquer outra construção anterior, que presumimos totalmente arrasada, ou mesmo inexistente.



Figura 5 - Plano inicial da sondagem 99V, localizada no interior de um compartimento da “Casa de *Avscvs*”, abrangendo a porta que abre para o pátio.

A sondagem 99V foi aberta numa área abrangendo o interior de um dos compartimentos que rodeavam o pátio, precisamente o compartimento fundeiro (Figura 5), cujo acesso se encontrava centralizado em relação ao pátio. Esta sondagem abrangeu também uma pequena parte exterior ao compartimento em questão. Foram registadas as seguintes atividades estratigráficas por ordem de escavação:

a) Uma fina camada humosa que cobria os vestígios do pavimento interior original. Idêntico contexto foi identificado na área exterior ao compartimento;

b) Pavimento interior, feito com argamassa de saibro e argila, conservando vários trechos da superfície original (Figura 6), bem como, embutido na argamassa, uma possível base de poste. A preparação deste



Figura 6 - Restos de superfície de pavimento do compartimento interior, escavado na sondagem 99V.

pavimento era bastante profunda, cobrindo diretamente a rocha em vários locais, bem como a vala de fundação da parede que “atravessava” a sondagem. A superfície do pavimento não era decorada, verificando-se uma ligeira inclinação do piso na direção da porta do compartimento. Foram recolhidos neste contexto vários fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro, bem como de cerâmica comum romana;

c) Pavimento exterior que, curiosamente, não era um lajeado, mas um pavimento em argamassa idêntico ao do espaço interior;

d) Um contexto sedimentar que surgiu por debaixo da preparação do pavimento interior, em contacto com o substrato geológico, interpretado como um nível de regularização. Neste contexto apareceu uma metade de mó giratória, que parece ter sido “atirada” para o entulhamento;

e) Idêntico contexto sedimentar por debaixo do pavimento exterior, mas cuja escavação não foi terminada por impossibilidade logística;

f) Construção, desde a rocha, dos diferentes muros que formam o compartimento (Figura 7);

g) Um considerável corte do afloramento rochoso, que implicou o aplanamento da rocha para a sua utilização parcial como pavimento do próprio compartimento, bem como o corte para a vala de fundação de um dos muros.



Figura 7 - Fotografia do plano final da sondagem 99V.

A escavação desta sondagem não revelou, propriamente, dados inesperados, além do facto de o pavimento lajeado do pátio não ter sido feito até ao limite da parede fundeira.

De um modo geral, o espólio cerâmico apresenta-se bastante fragmentado. Este fator explica-se, em grande medida, pela circunstância de se terem escavado, maioritariamente, níveis de revolvimento resultantes, por um lado, das escavações do século XIX, ou saques anteriores, por outro, da existência de várias camadas de regularização, acumuladas aquando da construção da unidade doméstica. Ou seja, praticamente não foram detetados níveis de ocupação, mas um conjunto de estratos diretamente relacionados com a construção da casa. Na verdade, apenas a estrutura de combustão detetada na sondagem 97V pode ser associada a um contexto de ocupação prévia deste espaço.

Os materiais cerâmicos recolhidos podem ser classificados dentro das seguintes tipologias e/ou produções:

a) cerâmicas do final da Idade do Ferro (talhas, tigelas, potinhos, panelas de asa interior), com alguns exemplares decorados, correspondentes à fase enquadrável entre os finais do século II a. C. e o século I a. C., mas misturados com cerâmicas datáveis de um contexto posterior;

b) Fragmentos de ânfora Haltern 70, que são quase omnipresentes em estratos detetados na Citânia de Briteiros, correspondentes a estratos





Figura 8 - Cerâmica comum romana no momento de recolha, na sondagem 99V.

formados a partir de meados do século I a. C. (MORAIS, 2007), mas sendo comuns em níveis datáveis do século I d. C.;

c) Cerâmica comum romana (Figura 8), de produção local/regional, correspondente ao período que medeia entre os finais do século I a. C. e o século I d. C.;

d) Fragmentos de *terra sigillata*, nomeadamente um fragmento de produção itálica e três fragmentos de produção hispânica (Figura 9). Todos estes quatro fragmentos são provenientes dos níveis de aterro do século XIX, assinalados na sondagem 97V.

No que diz respeito aos materiais metálicos, foi recolhida uma única moeda, um asse de Augusto (Figura 10), que se encontrava no enchimento da vala de saque do lajeado, também na sondagem 97V. Há ainda a assinalar a recolha de vários outros objetos metálicos, como dois alfinetes em bronze e vários fragmentos indeterminados, ou mesmo indetermináveis, em ferro.

A nível do material orgânico devemos referir a recolha de uma considerável quantidade de bolotas carbonizadas, nos níveis associados à estrutura de combustão existente por debaixo do lajeado do pátio, na sondagem 97V.

Após a conclusão dos trabalhos de escavação das sondagens 97V e 99V, as duas sondagens foram entulhadas, ainda em Julho de 2014, com terras que tinham sido retiradas da própria escavação. Quando, também na campanha de 2014, se retirou o lajeado do pátio detetado

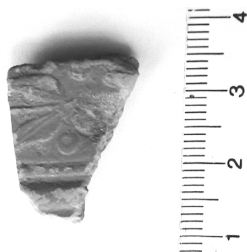


Figura 9 - Fragmento cerâmico decorado em Terra Sigillata, de produção hispânica (sondagem 97V).



Figura 10 - Moeda de bronze (asse de Augusto), recolhida na sondagem 97V.

na sondagem 97V, as pedras que integravam o pavimento foram numeradas. Desta forma, e à semelhança dos trabalhos realizados em 2009 na sondagem 97T, em que o pavimento da rua escavada foi recolocado, prevê-se a recolocação do lajeado deste pátio no decorrer da campanha de 2016, posto que, decorridos cerca de dois anos após o entulhamento da sondagem, reduz-se consideravelmente o risco de abatimento do lajeado após recolocação. Prevê-se também acrescentar alguns centímetros ao entulhamento da sondagem 99V, procurando nivelar o aterro em relação ao terreno envolvente.

### 3. Trabalhos complementares realizados na Citânia

Como trabalhos complementares, procedeu-se também à consolidação de um troço de pavimento de rua entre os sectores 12 e 16 (não muito longe do edifício da receção da Citânia), bem como a limpeza superficial da rua limite entre os sectores 8 e 12, que foi utilizada como acesso à zona onde foram representadas as atividades de encenação histórica que integraram o evento *Citânia Viva*, na sua edição de 2014. Procedeu-se, assim, à reparação do troço de calçada localizado entre os sectores 12 e 16, bem como à limpeza da rua limite entre os sectores 8 e 12, correspondendo estes dois locais a diferentes troços do que se pode considerar o mesmo eixo viário, ou dois eixos contíguos.

No primeiro caso, a calçada encontrava-se interrompida por uma cratera (Figura 11) resultante da erosão natural e humana, sendo um ponto necessário de passagem para todos os visitantes da Citânia. Esta cratera ia sendo ampliada com o passar dos anos, pelo que se tornou



Figura 11 - Aspeto do troço de rua degradado antes da intervenção de reparação.



Figura 12 - Aspeto final da zona intervencionada.

imperioso o seu restauro. Deste modo, procedeu-se, entre os dias 1 e 2 de Julho de 2014, à colocação de uma manta geotêxtil que cobriu o fundo da cratera, e que marcou uma linha de restauro. Esta manta foi recoberta com enchimento de terra, após o que se procedeu à colocação de uma superfície lajeada (Figura 12). O enchimento proveio das terras resultantes das campanhas de 2005 e 2006 na “Casa da Espiral”. As pedras utilizadas na superfície foram retiradas de um amontoado próximo, resultante das escavações de meados do século XX.

Quanto à limpeza da rua limite entre os sectores 8 e 12 (Figura 13), o trabalho consistiu na remoção simples de ervas, raízes e areia num troço de cerca de 150 metros, ficando visível o lajeado original. Todo este troço foi fotografado após a limpeza (Figura 14).

### Conclusões

Uma síntese dos resultados das sondagens finalizadas em 2014, na “Casa de *Avscvs*”, cruzados com os dados anteriormente obtidos pela escavação da sondagem 97T, sobre a rua limítrofe à mesma casa, permitem formular as seguintes conclusões:

1) O espaço atualmente ocupado pela “Casa de *Avscvs*”, teria sido, eventualmente, um espaço habitacional com uma configuração diferente, no século I a. C. Deste espaço anterior resta-nos uma



Figura 13 - Limpeza superficial na rua limite entre os sectores 8 e 12.



Figura 14 - Pormenor de um dos troços da rua após limpeza.

“estranha” estrutura de combustão, que aparenta ter sido uma fogueira exterior. Resta também o alinhamento que delimitava o espaço a Sudoeste, edificado no momento de traçado e construção da via pública, na primeira metade do século I a. C. Não se identificaram, neste ponto, estratos arqueológicos mais antigos;

2) Nos finais do século I a. C., ou inícios do século I d. C., cronologia relativa aconselhada pelos materiais exumados, constrói-se a unidade doméstica com a configuração que lhe conhecemos. O proprietário deste espaço, um muito provável membro da aristocracia local, vai seguir os padrões arquitetónicos que constituíam então uma novidade e que correspondiam às conceções romanas da casa com pátio (Figura 15). Para o efeito vai orientar a rede murária do conjunto de forma perpendicular ao alinhamento existente, a parede que delimitava o espaço da rua pública. Pela mesma altura, e por circunstâncias não apuradas, o nível de pavimentação da rua é substituído por uma nova pavimentação, a uma cota superior;

3) Este novo espaço habitacional terá uma entrada, aparentemente única, a partir da via pública, com uma soleira bem visível, que dava acesso a um vestíbulo coberto. Deste vestíbulo passava-se a um pátio interior, a céu aberto, com pavimento lajeado. Embora sejam presumíveis várias funções de carácter doméstico para o pátio, a presença de pelo

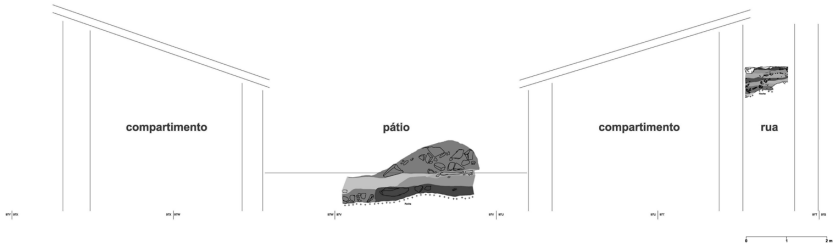


Figura 15 - Alinhamento dos perfis Sudeste das sondagens 97V e 97T, com marcação dos limites dos compartimentos da “Casa de Avscvs” e dos limites da via pública.

menos uma prisão de gado sugere que animais seriam, temporária ou permanentemente, mantidos neste espaço. No limite fundeiro do pátio existiria uma pequena zona coberta, o que se verifica pelo término do lajeado antes da parede, tendo-se identificado um espaço pavimentado com argamassa, que poderá corresponder a um pequeno alpendre. O compartimento fundeiro pode ter sido uma zona de triclinio, tratando-se de uma hipótese bastante conjectural. Todos os compartimentos em redor do pátio seriam cobertos com uma estrutura de madeira, recoberta a *tegulae*, cujos fragmentos estão presentes nos aterros do século XIX e são descritos como abundantes nos diários de Francisco Martins Sarmento. As paredes interiores seriam rebocadas e pintadas, o que já não seria uma novidade neste momento cronológico;

4) O proprietário desta casa, que poderia ter-se chamado *Avscvs*, seria um indígena, hipótese reforçada pela origem local deste nome (REDENTOR 2011, vol. II: 132-133), que, negociando com o poder romano, quiçá enriquecendo com ele, adota a escrita alfabética latina ao gravar o seu nome na parede da casa, adota o numerário, possuindo dinheiro, e adquire vistosas louças finas importadas, que conhecemos como *terra sigillata*.

Acima de tudo, a sua sofisticação é evidenciada por construir uma casa ao estilo romano, quiçá inspirada nas novas construções de *Bracara Augusta*;

5) Os fragmentos de *terra sigillata* provêm exclusivamente de níveis de aterro do século XIX. Serão, no entanto, e muito provavelmente,

oriundos deste espaço, dos seus níveis de utilização e abandono. Pese embora o reduzido número de fragmentos, estes materiais, particularmente as produções hispânicas, indiciam uma cronologia de utilização que atingirá os finais do século I d. C., ou inícios do século II, no máximo. Tal é o término temporal que, até à data, temos definido para a ocupação da Citânia de Briteiros.

Estas breves conclusões são necessariamente preliminares, tendo em conta a limitação espacial da área intervencionada, que se apresenta aqui como mais uma amostragem, após as sondagens realizadas na “Casa da Espiral” entre 2005 e 2008.

## Bibliografia

- CARDOZO, M. (1996). *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso. Notícia descritiva*, Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.
- CRUZ, G. (2015) O surgimento do espaço urbano no Noroeste da Ibéria. Uma reflexão sobre os *oppida* pré-romanos. In Martínez Peñín e Caverro Domínguez (eds.) *Evolución de los espacios urbanos y sus territorios en el Noroeste de la Península Ibérica*, Instituto de Estudios Medievales de la Universidad de León, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, León: 403-424.
- CRUZ, G. e ANTUNES, J. (2010-11) Citânia de Briteiros. Notícia dos trabalhos arqueológicos (2007-2010) *Revista de Guimarães*, 119/120, Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, A. (2006-07): *Galaicos. Poder y Comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C. – 50 d.C.)*, Brigantium, 18-19. A Coruña: Museo Arqueológico e Histórico da Coruña.
- LEMONS, F. e CRUZ, G. (2005-06). Trabalhos arqueológicos na Citânia de Briteiros. Campanhas de 2005 e 2006, *Revista de Guimarães*, 115/116, Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães: 11-50.
- (2006). Citânia de Briteiros. Programa de Investigação e Valorização do Monumento. *Fórum*, 39 (separata). Conselho Cultural da Universidade do Minho, Braga.
- (2007). Citânia de Briteiros: trabalhos arqueológicos recentes. *Al-Madan Online / Adenda Electrónica*. IIª Série, 15, VI. Centro de Arqueologia de Almada: 31-36.
- MARTINS, M. (1990): *O Povoamento Proto-histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado*. Cadernos de Arqueologia. Série Monografias. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- MORAIS, R. (2007): *Materiais Arqueológicos III. A cerâmica romana*. Relatório da unidade curricular. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.



- REDENTOR, A. (2011) *A Cultura Epigráfica no Conventus Bracaravgvstanvs (Pars Occidentalis). Percursos pela Sociedade Brácara da época Romana*. Dissertação de Doutoramento. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Silva, A. (2007): *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.